

reportagem cultural

Surfando o futuro além de Vortex

Cristiano Bastos, especial para JC

“Estar na praia, com 14 ou 15 anos, significava estar mais longe dos pais e mais perto do perigo. Ou seja, mais perto dos fliperamas e do rock’n’roll. Mas sempre longe dos surfistas calhordas.” A lembrança invoca o imaginário iconoclasta, provocativo e zombeteiro de *Surfista Calhorda*, d’Os Replantes, emergido do “vórtex” cerebral de Carlos Gerbase, um dos fundadores da banda, ao recordar as temporadas de adolescência em Capão da Canoa. Sua memória recupera diretamente uma relação que atravessa décadas da cultura rio-grandense: a praia como território de veraneio para uma geração que encontrava naquele espaço uma espécie de intervalo das regras da cidade.

Se *Surfista Calhorda* representa um momento em que o Litoral Norte era interpretado a partir do centro, a cena contemporânea permite inverter essa perspectiva. Agora é possível observar a cultura rio-grandense a partir da praia e perguntar o que acontece quando artistas, bandas, produtores e outros agentes constroem suas trajetórias longe do eixo tradicional de produção cultural. O litoral deixa de ser apenas cenário, inspiração ou destino de verão e passa a reivindicar outro lugar: o de espaço onde a criação também é desenvolvida, gravada, produzida e lançada.

Essa estrutura é hoje um dos sinais mais evidentes de que o mapa da produção musical começa a se redesenhar. Existe uma cadeia capaz de transformar ideias em álbuns, EPs, singles e apresentações: profissionais que gravam, produzem, lançam, divulgam e ajudam a colocar essas criações em circulação. Estúdios como o UFO, em

Capão da Canoa, com mais de duas décadas de atuação, convivem com selos independentes, como a Acorde! Records, além de uma prolífica rede de produtores, técnicos e músicos que cria alternativas para uma produção feita cada vez mais próxima de onde os artistas vivem. Hoje, essa rede se espalha por Osório, Santo Antônio da Patrulha, Tramandaí, Imbé, Capão da Canoa, Torres, Xangri-Lá, Cidreira e outras localidades.

Antes, a praia era sobretudo destino de lazer. Hoje tornou-se também um “enclave cultural”. A movimentação passa pelos palcos e pelos bastidores. Verdadeiramente, existe em curso uma caudalosa onda de produtores, técnicos e músicos movimentando a cena, além de estúdios, festivais e espaços que funcionam como pontos de encontro. Em vez de apenas receber artistas vindos de fora durante o verão, o Litoral Norte passou a produzir e lançar suas próprias obras artísticas. A temporada continua importante, mas a atividade não termina quando a praia esvazia. É dessa permanência que nasce uma identidade.

Na realidade, há mais de uma maneira de perceber que essa transformação já está em curso – e os Vampiros Tropicais, de Imbé, são um caso particularmente expressivo. Com o projeto *Vamp Mania*, a banda conquistou projeção nacional. Para Ed Bigorenski, um dos fundadores do grupo, a dificuldade de entrar no circuito de Porto Alegre tornou-se decisiva para buscar outros caminhos. “Sempre senti que existe um certo ‘clubinho’ que não deixa as bandas do litoral serem aceitas. E cansei.” Com a internet, o sonar dos Vampiros passou a mirar outros mercados. “Em vez de pensar apenas no Rio



Remando às margens do circuito porto-alegrense, artistas como Duda Linhares forjam uma cena própria no Litoral gaúcho

Grande do Sul, podemos criar uma ponte direta com São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.” Na visão do músico, o caminho está no trabalho autoral e na identidade própria. “Tem muita coisa boa sendo feita aqui que precisa pular a fronteira e buscar novos públicos.” A conclusão é direta: “Por enquanto, nosso foco é o Brasil.”

Se Ed expõe as barreiras de acesso ao circuito da capital, Duda Linhares, guitarrista residente em Osório e egressa do universo punk, acrescenta outra dimensão: a de gênero. Sua trajetória também foi marcada pela necessidade de provar constantemente que pertencia àquele espaço. “A gente precisa provar que sabe tocar, que entende de

equipamento, que pertence àquele espaço, que não está ali acompanhando alguém.”

Na experiência de Duda, produzir música longe dos grandes centros já significa ocupar uma posição à margem; ser mulher acrescenta outra camada de resistência. Por isso, sua perspectiva mudou. “Penso muito menos em sair do Litoral para fazer a música acontecer e muito mais em como fazer a música acontecer no Litoral.” A ideia ganha forma em *Entranha*, EP que ela está finalizando. O disco materializa, para ela, a possibilidade de criar no próprio território.

Longe demais das capitais, o Litoral Norte passou décadas olhando para o centro como quem olha para uma margem

distante. Porto Alegre era o lugar onde as coisas aconteciam. Agora, essa lógica começa a mudar: a distância já não significa apenas estar fora do centro, mas também a possibilidade de criar novos caminhos a partir daqui.

É justamente essa a mudança mais profunda em curso: deixar de olhar para a distância como impedimento e começar a enxergá-la como ponto de partida. No fim, é disso que fala Duda quando imagina o futuro da cena: “Talvez seja isso que eu queira devolver agora: a possibilidade de acontecer no próprio habitat. Fazer do Litoral não uma margem da cena, mas um lugar de onde a cena também possa nascer.”

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O pecado da negritude

Quando a cortina se abre, o palco, com uma cenografia (de Wanderlei Wagner) praticamente minimalista, apresenta um grande círculo formado por montes de livros usados. Ele ocupa o centro do palco. São livros velhos, aparentemente, talvez lixo. Mas sob este emaranhado desordenado de livros, surgem os quatro intérpretes do Coletivo Ocutá, Alexandre Ammano, Bruno Rocha, Marcos Oli e Vitor Britto. Britto, ao lado da socióloga, atriz e diretora Beatriz Barros, que assina a dramaturgia que transformou o romance de Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, num contundente, emocionante e inesquecível espetáculo de teatro.

O livro de Tenório tem experimentado duas sortes contrastantes: odiado e proibido por alguns, inclusive em escolas de segundo grau; ovacionado e premiado por outros, que chegam a ir ao teatro para assistir ao espetáculo ou se detiveram, sem preconceitos, a ler o texto do escritor paulista, radicado em Porto Alegre.

Em 1944, fugido da polícia política do Estado Novo de Getúlio Vargas, o escritor capixaba, então residente no Rio Grande do Sul, Ivan Pedro de Martins, estreava na literatura com o romance *Frenteira agreste*. O livro, logo depois, seria proibido sob a acusação de pornografia. Do que ele tratava, efetivamente? Da transformação da estância sul-rio-grandense na fazenda, graças à chegada do capitalismo industrial e comercial ao país. Mas quem proibia não queria referir o verdadeiro motivo do temor. O mesmo ocorre, agora, com o livro de Jeferson Tenório. Não querem assumir que é o problema da violência contra os pobres, o ódio à cultura – o personagem assassinado pela polícia é um professor de literatura de uma escola pública – ou o racismo estrutural que caracteriza nosso país e nossa história.

O texto de Tenório é todo escrito na primeira pessoa: é o órfão Pedro que, após o assassinato do pai Henrique, para tentar entender exatamente o que aconteceu, vai visitar o apartamento do pai e ali reconstitui o passado – as raízes do morto e, por extensão, suas próprias raízes. Daí que, na transposição ao teatro, a dramaturgia criada por Britto e Barros, sensivelmente, inicia com os personagens soterrados pelos livros. É preciso revelar o

“avesso da pele” do título da narrativa e, para isso, há que se ir para além do que os livros – a versão oficial – conta. É de dentro daqueles livros, mas pelo avesso, que um outro livro vai revelar uma outra história. Por isso também, o elenco do Coletivo Ocutá, inteiramente formado por atores negros, na dramaturgia criada, não vive um único personagem cada: a história de Pedro e de Henrique não é uma história individualizada sobre a morte, pela polícia, do professor de literatura de uma escola pública de periferia, que voltava à noite para casa, depois de esforçar-se dramaticamente para conquistar seus alunos para a literatura. A morte não é casual: ela resulta de um processo pré-escrito, o preconceito racial estrutural que, infelizmente, existe, sobrevive e vitima sobretudo negros, sobretudo pobres, ainda que os agentes desta violência sejam, eles mesmos, pobres e negros – mas vestindo uma farda ou portando um distintivo que, de certo modo, lhes dá licença de matar. Então, todos os atores vivem indistintamente o professor Henrique, assassinado, e o jovem Pedro, que busca entender o que ocorreu e, conseqüentemente, dá-se conta de que precisa descobrir e interpretar a sua própria origem: o avesso de sua pele negra, então, não é mais o branco preconceituoso, mas o vermelho do sangue do assassinato, elemento simbólico também fortemente presente na encenação, graças à iluminação cenográfica, de Gabriel Souza.

Os atores são jovens negros do grupo Ocutá que, ao escolher o nome do agrupamento, deixou claro seus objetivos: okutá é uma pedra sagrada que representa a essência, a força da terra (raiz) e a ancestralidade. Ficar raízes, preservar potências e ressignificar narrativas são as metas do grupo. O resultado é um espetáculo denso, forte, pesado, mas que está radicalmente distante de um discurso teórico militante. Pelo contrário, a dramaturgia desenvolvida, com a preparação corporal de Castilho e a preparação vocal de Malú Lomando, completada pelos figurinos de Naya Violeta, fazem com que *O avesso da pele* se torne uma celebração dramática, um espetáculo que tem até comicidade, mas muito de brasilidade e profunda e imensa dor daqueles personagens cuja única falta é serem pobres e negros.

acontece



Edição 2026 terá Pata de Elefante, Amanda Gabana, Renato Borghetti e Pepa Diaz, entre outros

Morrostock anuncia nomes para edição deste ano, que terá shows em dezembro

O Festival Morrostock anunciou, nesta semana, o *line-up* e os detalhes sobre os shows que ocorrerão de 10 a 13 de dezembro no Balneário Ouro Verde, em Santa Maria. Com o propósito de dar visibilidade à música produzida por aqui, a programação desta edição tem como destaque Pata de Elefante, Amanda Gabana e Quem é você Alice?, além dos convidados Renato Borghetti, Tum Toin Foin, Zudizilla, a argentina Pepa Diaz e a paraguaia Sandía. O Morrostock já está com as vendas de ingresso abertas, através da plataforma Sympla, por valores a partir de R\$ 90,00.

A edição deste ano dá continuidade à reconstrução da cadeia cultural afetada pelas enchentes de 2024. Em 2025, com o projeto Reconstruir RS Parte I, fortaleceu a cadeia produtiva dos grupos gaúchos e trouxe curadores e produtores de festivais brasileiros e do Cone Sul, fomentando a circulação de artistas por todo o Brasil. Nesta nova jornada, amplia esta ação, com o Morrostock – Reconstruir RS Parte II, reunindo nomes consagrados da música a novidades e bandas emergentes, em uma programação representativa e mais uma vez com a presença de curadores, produtores e estudiosos da cena musical do Brasil e América do Sul.

O festival, que entrou definitivamente para o calendário de eventos oficiais do RS e de Santa Maria, vem com o propósito de dar visibilidade à música produzida por aqui, costurando relações entre bandas gaúchas e grupos internacionais e de outros Estados. No Morrostock 2026, teremos Renato Borghetti, um dos nomes mais expressivos da música regional do sul do Brasil, e Valéria Barcellos, no show *Missioneira*, cantando clássicos do cancionário gaúcho num show formado só por musicistas mulheres.

Tum Toin Foin também sobe ao palco, reunindo o maestro Arthur de Faria com um time de músicos. Marietti Fialho, acompanhada pela banda Os Viajantes

da Terra e por Paulo Dionísio, representa a voz do reggae do sul do Brasil. O rap porto-alegrense fica por conta de Da Guedes, já o rap com sotaque pelotense sobe ao palco com o premiado Zudizilla.

MC Leti e Rima das Minas, ecoam a voz do movimento de mulheres negras, que também será amplificada com o show Ialodê, reunindo quatro vozes fundamentais do sul: Loma, Marietti Fialho, Glau Barros e Nina Fola. Também se faz presente o rezo e a paz da Camomila Chá, que esteve na Vila Equilibrium da Anitta, recentemente.

Outros sotaques do nosso Brasil também se fazem presentes, como o amazonense Djuna Tikuna, uma das vozes indígenas da programação que, ao lado da Guaviraty Porã, de Santa Maria, compõem a programação. Não ficam de fora da festa Raidol, cantora paraense trans que vem ganhando destaque em todo o Brasil, e Asfixia Social, de São Paulo, com seu *crossover* hardcore hip hop reggae. E mais: uma amostra representativa da música latina, com Entre Rulos (Chile), Juan Marino (Uruguai), Pepa Diaz (Argentina) e Sandía (Paraguai).

No horizonte do Morrostock e da equipe que produz esse importante festival brasileiro estão a coletividade, a difusão e a democratização. Por isso, a cada edição, é lançado um edital em que bandas de diferentes partes do RS podem se inscrever, resultando na seleção de grupos e artistas autorais que são destaque na grade de shows. Na seleção do edital de bandas, entraram atrações que conversam com muitos estilos, desde os ritmos do Prata, o candombe, passando pela viagem instrumental, o pop, rock e toda a diversidade de sons e referências. São elas: Amanda Gabana, Doce Creolina, Camila Balbueno e Jalile, Emely Polli, Gabro Demais, Kika Simone, La Brasa Lunera, Lo Que Te Voy A Decir, Pata de Elefante, Quarto Sensorial, Quem é Você, Alice? e Vagnetreta.

fique ligado

Um ano arriscando dizer

A cantora e compositora Nina Nicolaiewsky apresenta as canções do álbum *Arrisco Dizer* neste sábado, às 20h, no

Teatro Bruno Kiefer, na Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736). O espetáculo integra o Edital Anual de Ocupa-



Nina Nicolaiewsky canta ao lado da Sucinta Orquestra no Teatro Bruno Kiefer

Porto Alegre em Cena movimentará o final de semana

O 33º Porto Alegre em Cena tem o primeiro fim de semana de programação entre sexta-feira e domingo, com atrações vindas de estados como Pernambuco, São Paulo e Bahia dividindo espaço com produções gaúchas. Entre as opções ainda com ingressos disponíveis estão *Ser Tão*, show de folclore sertanejo com o duo Sergio Olivé e Nina Eick, nesta sexta-feira, às 20h, na Terreira da Tribo (Pátria, 98); *Dança Boba*, do Ateliê do Gesto, no sábado e domingo, às 20h, no Estúdio Stravaganza (Dr. Olinto de Oliveira, 68); e *Balada de Um Vagabundo*, tri-

buto a Waly Salomão com Jusara Silveira e Sylvia Patricia, no domingo, às 19h, no Centro Histórico-Cultural Santa Casa (Independência, 75).

Boa parte da programação do fim de semana de abertura já está esgotada, caso das apresentações de *A Aforista*, com Rosana Stavis, e *Cherepaka*, da canadense Andreane Leclerc. A programação completa e os ingressos (entre R\$ 25,00 e R\$ 100,00) estão à venda pelo site portoalegreemcena.com.br. O festival segue até o próximo dia 20 de setembro, reunindo 77 apresentações de 51 espetáculos.

Feira Arreganho reúne arte e publicações independentes

A Casa de Cultura Mario Quintana (dos Andradas, 736) recebe a Feira Arreganho neste sábado, das 13h às 19h. Produzido pelo coletivo Suco de Ralo, o evento ocupa a Travessa dos Cataventos com bancas de artes gráficas, publicações independentes, gravuras e artesanato autoral, reunindo trabalhos feitos à mão por desenhistas, zineiros e gravuristas. A entrada é gratuita.

Como atividade paralela, a programação conta com uma oficina de lanternas de papel, ministrada das 15h às 17h pela artista visual e arte-educadora Lorena Toniolo no Ateliê do CDE, no 5º andar do complexo cultural. A aula convida o público a personalizar peças com recortes de papel de seda, e as inscrições gratuitas podem ser feitas pelo perfil no Instagram da Feira Arreganho.

ção dos Teatros da CCMQ, tem classificação livre e conta com interpretação em Libras por Lucas Terres. Com produção por Bruno dos Anjos e pelo coletivo OCorre Lab, Nina se apresenta ao piano e ao violão acompanhada pela Sucinta Orquestra - quarteto de cordas formado por Clarissa Ferreira e Miriã Farias nos violinos, Gabriela Vilanova na viola e Luyra Dutra no violoncelo. Os ingressos custam entre R\$ 25,00 e R\$ 50,00 pela plataforma Sympla.

Vencedor de quatro categorias do Prêmio Açorianos de Música 2025, incluindo Melhor Álbum, o disco completa um ano de lançamento e reúne composições autorais escritas durante o período de estudos de Nina na Berklee College of Music, na Espanha. Além do repertório de *Arrisco Dizer*, o show traz releituras de canções de Charly Garcia, Paulo Leminski, Lupicínio Rodrigues e Alcione.

Momentos românticos com Fábio Jr.

O cantor Fábio Jr. se apresenta neste sábado, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), marcando seu retorno ao local, onde já teve apresentações esgotadas. O show traz cenário novo, arranjos atualizados e a retomada do quarteto de *backing vocals* e do trio de metais na banda, sob direção musical de Herbert Medeiros. O repertório reúne sucessos como *Só Você*, *O Que É Que Há?*, *Felicidade*, *20 e Poucos Anos* e *Alma Gêmea*, com encerramento em *Caça e Caçador*, tema do casal principal da novela *Quem Ama Cuida*. Os ingressos custam entre R\$ 150,00 e R\$ 560,00 e estão à venda pela plataforma Sympla.

Fábio Jr. mantém carreira de décadas marcada por sucessos que atravessam gerações e por uma relação próxima com o público, reunindo hits que já embalaram diferentes fases da música popular brasileira.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO

☉ **Das 20h às 00h** - Inspirada nas discotecas dos anos 1970, festa Gudinaite acontece no Grezz (Alm. Barroso, 328), com condução de Patrícia Parenza e Diego de Godoy. Ingressos esgotados.

☉ **21h** - *Big band* Nomade Orquestra mistura música urbana do ABC Paulista com referências jazz, funk, rock e de ritmos brasileiros e do Oriente Médio. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). A partir de R\$ 60,00 no Tri.RS.

☉ **23h** - CPM 22 volta a Porto Alegre com *Turnê de 30 anos* no Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos esgotados.

SÁBADO, 12 DE SETEMBRO

☉ **10h** - Apresentação do livro *Porto Alegre, Arquitetura e contexto urbano (1772-2018)*, de Helton Estivalet Bello e Luiz Merino de Freitas Xavier. Na Casa da Memória Unimed Federação/RS (Santa Terezinha, 263). Livre.

☉ **10h** - Recital de lançamento do álbum *Diorama Brasil*, de Heidi Louise Williams e Ney Fialkow, com obras para piano de compositores consagrados e nomes contemporâneos da música erudita brasileira. No Auditorium Tasso Correa do Instituto de Artes da Ufrgs (Sr. dos Passos, 248). Entrada franca.

☉ **Das 16h às 2h** - DJ venezuelano Babatr, pioneiro do *raptor house*, é atração no Techno Pampa Caliente, aquecimento para o Chisme Festival. DJs locais Elier, Mari Hermel, Andrey, Eddddd e Paju, além de *showcase* da festa Coice. No Fuga Bar 4D (Álvaro Chaves, 91). De R\$ 30,00 a R\$ 70,00 em feedme.click.

☉ **A partir das 17h** - Sociedade Cultural Floresta Aurora (Estr. Afonso Lourenço Mariante, 437) recebe 6ª edição do projeto Lançeirinhos Negros, com atividades artísticas e formativas voltadas a crianças e jovens. Atividades até 12h do dia 13 de setembro. Vagas limitadas, inscrições pelas redes sociais do Afro-Sul Odomode.

☉ **19h** - Festival Internacional Quarta Parede - Nossas Vozes apresenta *Mesa Farta*, espetáculo que propõe uma reflexão sobre a mesa como lugar e objeto central do cotidiano. No Espaço Força e Luz (Andradas, 1.223). Gratuito, mediante reserva no Sympla.

☉ **19h** - *Eddy - Violência & metamorfose* aborda violência de gênero, homofobia e machismo a partir de uma história autobiográfica de Édouard Louis. No Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). Ingressos em portoalegreemcena.com.br. Repete dom, 19h.

☉ **19h30min** - Daya Moraes apresenta o show de lançamento do álbum *Dama do Jogo* no Teatro de Câmara Túlio Piva (República, 575). Ingressos entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00 pelo Sympla.

☉ **20h** - Nome em ascensão no rap nacional, Sotam traz a turnê *Bloco dos Apaixonados* ao Opinião (José do Patrocínio, 834). Últimos ingressos, por R\$ 115,00 (modalidade solidária), no Sympla.

☉ **20h** - Estrelado por Taís Araujo, *Mudando de Pele* narra a jornada de uma mulher em busca da sua identidade. No Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089), dentro do Porto Alegre em Cena. Ingressos em portoalegreemcena.com.br. Repete domingo (16h e 18h).

☉ **21h** - Projeto de integração cultural Brasil, Letra & Música apresenta show *Noite Magia*, de Gelson Oliveira, em diálogo entre a MPB contemporânea e a música latina. Participações de Valeria Sattamini, Juliano Juba, Lucas Arruda e Lucas de Azevedo. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). A partir de R\$ 35,00, no Tri.RS.

☉ **23h** - Festa *open bar* Rock N'Bira no Opinião (José do Patrocínio, 834). Banda autoral Neptunn e tributos a Sepultura, Korn, Rammstein e Pantera. R\$ 99,00 no Sympla.

DOMINGO, 13 DE SETEMBRO

☉ **15h** - Lançamento do livro *Gaton - A força da terra*, da indígena Kapri Audisseia Nascimento Padilha. Na aldeia Gah Re (Natho Henn, 55), no Morro Santana, em Porto Alegre. Entrada franca, exemplares (R\$ 50,00) à venda no local.

☉ **16h** - Rodrigo Fontoura, o Fileh, é o convidado desta edição do Samba do Quintana na Travessa dos Cataventos, térreo da CCMQ (Andradas, 736). Roda de samba vai até 19h. Entrada gratuita. Em caso de chuva, transferido para o domingo seguinte.

☉ **17h** - Cantora Juçara Marçal apresenta repertório inspirado na obra de Agnès Varda na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085). Segunda sessão às 20h. Ingressos entre R\$ 45,00 e R\$ 90,00.

☉ **18h** - Evento Desert Whip - Noite Stoner acontece no Bar Ocidente (Osvaldo Aranha, 960). Bandas Sterna Peyote, Wolftrucker e El Negro. Ingressos a partir de R\$ 15,00 no Sympla.

reportagem cultural

Fora do eixo, mas dentro do estúdio

Cristiano Bastos, especial para o JC

Em Capão da Canoa, a história da música independente do Litoral Norte também pode ser contada a partir de uma sala de gravação. Desde 2003, o UFO Estúdio acompanha artistas, bandas e diferentes gerações da cena regional, registrando não apenas músicas, mas momentos de uma produção que encontrou no próprio território as condições para existir. Ao longo de mais de duas décadas, o estúdio deixou de ser apenas um espaço técnico e se consolidou como ponto de encontro, criação e memória de uma cena que construiu sua identidade longe da capital.

“Quando o UFO começou, em 2003, já havia músicos e bandas fazendo acontecer por aqui”,

diz Diego Voges, produtor e técnico de som à frente do estúdio. Foi nesse ambiente que surgiram trabalhos autorais de grupos como Grizon 9, Parkson, Campus Elius, Toads Tool, Dexter, Tia Ema e Cabides.

O UFO entrou no circuito justamente quando os músicos buscavam uma identidade própria, além do repertório de covers que predominava nos bares. A existência de uma estrutura local diminuiu a distância entre o músico e sua produção. Em vez de buscar Porto Alegre, era possível compor, ensaiar e gravar no próprio ecossistema. O movimento foi inverso também: bandas da capital passaram a procurar o UFO. Músicos ficavam na cidade, frequentavam shows e se integravam.

Em mais de 20 anos, passaram pelo UFO artistas de diferentes cidades e gerações, como Drunk Vision, Snow Twins, Lham, Chá de Flor, Piratas Siderais, Save Our Souls, Marcelo Valim e Marcinho Araújo, entre outros. São mais de 5 mil músicas gravadas.

Mais que um local de registro, o UFO tornou-se um arquivo vivo de uma cena que construiu identidade longe da capital. Cada gravação guarda um pouco daquele momento: bandas que começaram, projetos que ganharam forma, encontros que aproximaram músicos e uma produção que, aos poucos, deixou de depender exclusivamente do eixo Porto Alegre. “Foi um dos lugares onde uma parte dessa história aconteceu.”



Diego Voges é o técnico de som por trás do UFO Estúdio, espaço que se tornou um dos eixos do rock no Litoral Norte

Onda fonográfica

Desde sempre, Porto Alegre concentrou boa parte do circuito profissional da música produzida no Estado. Para artistas do interior e do Litoral Norte, construir uma carreira autoral significou historicamente criar pontes com a Capital. No litoral, esse desafio é ainda maior: há intensa movimentação cultural, sobretudo no verão, mas poucas estru-

ras permanentes.

É nesse cenário que atua, a partir de Imbé, a Acorde! Records, liderada por Igor Casa Nova. Músico, compositor, produtor e empreendedor, Igor conhece de perto as dificuldades de produzir longe do eixo. Como baterista, produtor e diretor artístico dos Piratas Siderais, banda formada em Imbé em 2015,

vivenciou os obstáculos de criar, gravar, divulgar e circular sem a infraestrutura da capital.

À frente da Acorde!, essa experiência se transforma em estrutura para outros artistas. O selo trabalha com produção fonográfica, planejamento de lançamentos, distribuição digital, mídia física, *merchandising* e desenvolvimento de carreira, oferecendo



Marcelo Astiazara

A trajetória do músico, *performer* e compositor Marcelo Astiazara, nascido em

Tramandaí e radicado em Porto Alegre, acompanha as transformações da música no Litoral Norte. Educador musical, começou aos 16 anos, em 2002, vencendo um concurso de bandas na Escola Barão de Tramandaí com a Odisseia.

Ao se profissionalizar, testemunhou a forte cena punk e hardcore da região, com destaque para a Vórtex, de Imbé. Tratava-se de um circuito próprio, sustentado por fãs, CDs, fitas e camisetas. “Era uma cena que se sustentava por ali e criava uma magia inspiradora”. Antes, no final dos anos 1980, Catuípe, Serginho Sá e Aloísio Rodrigues faziam a noite na Rua Jorge Sperb.

Foi nesse ambiente que deu vida a Os Taxons, banda de rock autoral que encontrou nas rádios locais e nos “shows de prefeitura” canais para conquistar público. Venceram o Paredão, da Rádio Atlântica, e o Maré da Canção. “Éramos muito dependentes do que o nosso próprio meio nos proporciona. Até uma corda de guitarra era difícil de achar.”

Em 2011, formou Os Danadões com Robson Almeida. A junção de música, humor e teatro levou a dupla ao Brasil e ao exterior, incluindo o Cavern Club, em Liverpool. Também criou Ziggy, em tributo a David Bowie, e lançou *Ellas*, seu primeiro álbum autoral. Neste ano, saiu-se com *Tramandaí*, versão de música do Sombrero Luminoso com o argentino Andy Pugliese, e prepara músicas novas com King Jim e Pata de Elefante. “Antigamente me sentia ilhado, incompreendido. As redes quebraram essa barreira”, diz. “E seguimos, ‘tramando-aí’ o futuro.”

Daniel Villaverde

Entre fanzines, fitas demo e shows, Daniel Villaverde, o Vila, ajudou a transformar Santo Antônio da Patrulha em endereço do

underground gaúcho entre o fim dos anos 1990 e os anos 2000. Fundador da Ornitorrincos e atual vocalista da banda Conflito, ele



separa: “A Ornitorrincos ensaio em Santo Antônio de Porto Alegre, então é. Sua relação com a cidade. Integrou *Scream Noise* e editou com Gustavo Insa. Muertos, manteve selo e “A gente fazia fanzines, gente de todo o Brasil, distribuía discos e fitas.”

A distância da Capital viu Porto Alegre o rio tá ali, tu tens que cavar até a cena começou uma cena do forte para a época.” O Porto Medeiros, e o Rivas Bar, bandas do País. “A gente cidade no mapa brasileiro, outros estados iam tocar tocava em Porto Alegre, Desde 2009 em Porto Alegre independente com a Pura. “Hoje ainda tem cena lá, no Rivas.” Para ele, a maior centros é: “Quando não acabas criando a tua pro-



infância brabo, desviar de quero-açude com sanguessuga. O estalo veio nos anos 1 TV em preto e branco. N tocando piano com os p instrumento. “Ali eu entre ser. Foi dali que saiu esse *frontman* de Osório.”

Aos dez, a mudança para rádio 3 em 1 e a formação Led Zeppelin e Raul Seix surf. Em 1998, assumiu epicentro cultural com F campeonatos de surf, muambas de carnaval e saraus. “Era meu labora-

Vultos litorâneos

só teve o primeiro o. Metade da banda é uma banda da Capital." de foi de 1996 a 2009. e Facção Três Listras, ektto o fanzine Infectos e organizou shows. e correspondia com ocava fita demo, de outras bandas."

rou combustível. "Em u te jogas. No interior har água. A gente zero, mas uma cena ororoca, na Borges de viraram palco para e colocou o nome da o. Muitas bandas de r ali. Às vezes nem mas tocava ali." legre, segue no nch Drunk Discos. os shows ainda rolam rca do rock longe dos existe estrutura, tu ópria estrutura."

Igor Greg

Natural da Vila Perereca, em Osório, o músico e agitador Guego Greg construiu ao longo dos anos uma trajetória cultural *sui generis*. Antes, a praia como paisagem inspiradora: "Minha ia foi correr de boi quero e pescar em ia", conta.

970, com a primeira la tela, Jerry Lee Lewis és e botando fogo no ndi o que eu queria a história de 'último

ra a cidade trouxe o ão: Rush, Pink Floyd, as, somados ao u o Bar do Guego, est Rocks na avenida, am sessions, om Mestre João e tório. Não tinha onde

tocar, então a gente criava o lugar." Dali nasceu, em 2013, a banda Arrego Beleléu, contando em seu repertório 17 canções autorais, EP físico e digital e clipes no YouTube. Depois veio o solo *Tempo em Mim*, álbum produzido em 2022 por Cristian Sperandir. Para Guego, arte não se separa da paisagem: "O artista cresce junto com o bioma. É Mata Atlântica, morro, lagoa, mar, vento. Tu não fazes música isolado disso."

Ele acrescenta: "É Maçambique, nossa Congada Gaúcha, caixara, açoriano com tambor africano e indígena, Terno de Reis. É pesca, voo livre, trilha, surfe. É o verão, mas é o ano todo." Apesar da riqueza, a rotina é dura: "Tem que se virar para achar lugar para tocar. Autoral é mais difícil. A gente resiste porque acredita. Se parar, essa cultura some."

Criss Howes

Natural de Itaqui e radicado em Imbé, Criss Howes conhece os obstáculos de fazer carreira longe de Porto Alegre. Para o cantor e compositor, a dificuldade vai além da geografia e envolve falta de recursos e incentivo ao autoral. "Morar fora do eixo é difícil para um artista do interior, principalmente pela falta de recursos e incentivo a novos projetos", afirma. Segundo ele, a maior carência é a falta de mecanismos para dar continuidade a quem já tem material lançado. São poucos editais e festivais voltados à circulação de singles e discos que já estão nas plataformas digitais e rádios. Howes critica a preferência de gestores por atrações de repertório consagrado, o que reduz oportunidades para novos autores.

Nesse cenário, as parcerias são fundamentais. Em Porto Alegre, encontrou suporte técnico do baterista Paulo Arcari, do TNT e Cowboys Espirituais, produtor do StudioRock e parceiro nos singles *Leve*, *Eu Interior* e *Desafio*. A articulação regional começou a ganhar força e mirar o mercado nacional. O single *Nossos Planos*, lançado recentemente pela Acorde! Records, representa uma aproximação entre artistas e bandas do Litoral Norte, contrariando a dispersão histórica. "Apesar de estarmos ao lado de Porto Alegre, ainda assim ficamos longe demais".



FERNANDA CHEMALE/DIVULGAÇÃO/JC

✱ **Cristiano Bastos** é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irreduzíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

PIRATAS SIDERAIS/DIVULGAÇÃO/JC

Banda Piratas Siderais é um dos expoentes do rock autoral do Litoral



Oceano elétrico

Dois nomes centrais da cena litorânea apresentam suas listas: **Igor Casanova**, da Acorde! Records, e o compositor **Criss Howes**. Cada um indica cinco faixas emblemáticas produzidas por artistas da região.

Igor Casanova

Criss Howes — Nossos Planos (2025 — Imbé)

Entrega verdadeira, que vem direto da alma deste distinto compositor. Atmosfera leve, positiva e envolvente.

Chica Gnose — Marcas de Arranhão (2025 — Osório)

Junta rock psicodélico e Tropicália com muita personalidade. A faixa mostra uma gurizada disposta a construir um universo sonoro próprio, sem repetir fórmulas.

Los Ratones — 18 Anos (2024 — Tramandaí)

Traz o marcante bordão "Ah, mas tu não tem 18 anos". Transformaram com essa canção a memória afetiva em rock com humor, carinho e nostalgia coletiva.

Inkopetentez — Don't Feed the Raptors (2025 — Imbé)

Grunge e rock alternativo cru, direto e sem excessos. O mais interessante é a banda: jovens de 16 a 19 anos fazendo som autoral pesado, provando que o rock segue encontrando novos caminhos por aqui.

Chaos Bliss — Oh Yeah! (2024 — Capão da Canoa)

Chega sem pedir licença. A banda do meu amigo Diego Voges consolida metal pesado, intenso e muito bem executado com peso sonoro.

Criss Howes

Arrego Beleléu — Despertar (2017 — Osório)

Fala do despertar da consciência e do absurdo da realidade em que vivemos. Sobre ser iludido pela mente e pela sociedade até vislumbrar claridade.

Rodrigo Sorriso — Romances (2025 — Santo Antônio da Patrulha)

Canção sensível sobre o desgaste natural de um relacionamento que perde força até virar lembrança. Fala de despedida com maturidade, mas deixa no ar a esperança de um reencontro.

Spectrodelic Project — La Nave (2024 — Tramandaí)

Passagem para outro estado de consciência. Blues psicodélico com reflexão profunda sobre quedas, escolhas e busca por nova perspectiva.

Piratas Siderais — Descontrole (2025 — Imbé)

Ponto de virada dos Piratas Siderais e início de uma fase mais madura, consciente e livre. Carrega energia, autenticidade e simboliza a fase mais verdadeira e definitiva do grupo.

Marcinho Araújo — Tapetes de Veludo (2023 — Imbé)

Single com atmosfera oitentista e instrumental pesado. Composta durante o *lockdown* de 2022, verseja sobre amor e reencontro no paraíso, com muita espiritualidade.

nas telas



A Maravilhosa Árvore Encantada é atração para crianças e adultos no cinema

Portal para um mundo mágico

A Maravilhosa Árvore Encantada chega aos cinemas neste final de semana com Andrew Garfield e Claire Foy vivendo os pais de uma família que troca a vida hiperconectada da cidade por uma mudança para o campo. As crianças resistem à ideia, até encontrarem uma fada e descobrirem a árvore que dá nome ao fil-

me: um portal para mundos fantásticos que vai transformar a relação da família com a magia da vida real. Dirigido por Ben Gregor, com roteiro do time de Paddington 2 e Wonka, o longa tem ainda Rebecca Ferguson e Nicola Coughlan no elenco, e promete reacender a imaginação de crianças e adultos na plateia.

Um encontro com Marília Pêra

Outra estreia do final de semana é Viva Marília, que traz imagens de arquivo, entrevistas e registros raros para desvelar a Marília Pêra por trás da atriz, bailarina, cantora e diretora. Mais do que um documentário, a produção é definida como um encontro com a artista, que transitou com liberdade entre o popular e o sofisticado e que fez

de cada personagem uma nova maneira de estar no mundo. Com direção de Zelito Viana e roteiro de Nelson Motta, o longa examina o impacto do contexto histórico, político e social do Brasil nos anos 1960, 1970 e 1980 na vida e obra da atriz falecida há 21 anos, em uma narrativa conduzida por ela própria.

As muitas intensidades de Gonzaguinha

Vencedor do prêmio de Melhor Documentário no Festival de Gramado, Gonzaguinha, Da Maior Liberdade chega aos cinemas propondo um mergulho na obra e na vida pessoal do cantor Luiz Gonzaga Jr, abordando sua fúria amorosa, sua poesia contundente e sua coragem política. Misturando música, registros de arquivo e dramatização, o filme de

Susanna Lira constrói uma viagem sensorial e afetiva pelas contradições, complexidades e genialidade do artista, na qual as canções funcionam como dispositivos narrativos. Revivendo cenas como sua famosa entrevista ao Pasquim, Gonzaguinha é interpretado por André Dale - que já havia dado vida ao cantor em Homem com H, cinebiografia de Ney Matogrosso.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Primeiro romance de Mário Palmério	Frase conclusiva de Descartes em seu "Discurso do Método"		Vestuírio de magistrado (pl.)		Estuda novamente (o script)		(?)-de-açúcar, riqueza colonial	Estadista chileno derubado por Augusto Pinochet	
Aperfeiçoadas								Salsão (Bot.)	Pinochet (Hist.)
Uma das causas do erro médico		Em pris-cas (?): anti-gamente		Rio na fronteira Brasil-Paraguai				Partido de Bolsonaro Sal, em francês	
Raça de galinhas de origem chinesa							Soviético (abrev.)		
					"Rat (?), sucesso do Black Sabbath		A terra imprópria para o cultivo		Para mais além
Minúsculos orifícios na casca do ovo			Irene Lisboa, escritora portuguesa		Dificuldade do portador de dislexia				
(?) Cruces, cidade do Novo México (EUA)								Isaac Newton, por sua inteligência	
Funcionar como o pêndulo		Grito dos dançarinos de flamenco				Típico nome russo			
				Forma de corte do abacaxi		Instrumento de sopro			
				Remeter					
Capital da extinta Alemanha Ocidental		Motivação do peregrino (Rel.)			Diz-se do assunto sem importância				
							"The (?) Doctor", série da TV		Never (?): não faz mal, em inglês
Condição atual do pássaro dodó		Fora, em inglês			Tariq (?), escritor paquistanês			"(?) Dê Motivo", sucesso de Tim Maia	
A gêmea univitelina, para sua irmã						Deus supremo da mitologia nórdica			
Ambição do artista iniciante			Tempero usual em refogados					Novak Djokovic, tenista sérvio	

BANCO 3/las — out — sel. 4/good — mind. 5/salad. 6/sedosa. 4

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.coquetel.com.br

Imagens de revistas e o logo COQUETEL.

Solução

E	O	V	D	E	I	R	O	L	O	N
D	N	O	H	T	V	N	L			
N	I	O	O	V	I	S	O	S		
E	W	G	E	A	N	I				
T		O	I	N	I	L	X	E		
T	V	N	V	B	E	F	E			
V	T	E	D	O	R	N	N	O	B	
H	O	G	I	E	T	O	G			
O	C	R	V	T	I	C	S	O		
D	V	T	A	S		S	V	T		
V	E	S		S	O	H	O	D		
A	O	S	V	S	O	D	E	S		
T	d	V	d	V	V	N				
V	I	C	N	E	G	I	T	G	E	N
S	V	D	V	R	O	W	I	R	d	V
		C		T	A					

Horóscopo

Áries: As mudanças se dão nas rotinas de saúde e hábitos pessoais, de trabalho e da relação afetiva. Você pode aprimorar essas áreas de vida, ou, se bobear, deixar que piores.

Touro: As mudanças apontadas pela Lua Nova se dão na relação amorosa, em seus sentimentos afetivos e no campo da criatividade. As condições mudam e você tem que se adaptar.

Gêmeos: É no ambiente doméstico e nas relações familiares que mudanças importantes podem ser propostas. É preciso sair da ordem vigente e permitir que novos significados afluam.

Câncer: Não mantenha as rotinas que não lhe servem. Quebrar velhas regras para gerar melhores condições materiais e para que seu dia-a-dia seja mais repleto de boas experiências.

Leão: As condições financeiras mudam, talvez inesperadamente, e você terá que se adaptar. Poderá aprimorar sua vida com a materialidade se souber usar bem o momento.

Virgem: Sua própria identidade muda neste momento, abrindo espaço para aflorar atitudes diferentes das habituais, principalmente nas relações humanas e afetivas.

Libra: As condições de saúde estão mudando. Talvez tenha que cuidar de novos problemas que surgem, ou cuidar diferente do que já conhece. Adote hábitos especialmente saudáveis.

Escorpião: As relações sociais mudam e exigem de você uma postura diferente da habitual. É preciso ser mais flexível, acolhendo as pessoas, mais do que as criticando.

Sagitário: É no âmbito profissional que as mudanças irão ocorrer para você. O momento é propício para você escolher metas e firmar propostas de trabalho diferentes das habituais.

Capricórnio: Não é hora de manter seus ideais restritos a metas práticas. O momento pede ampliar sua visão e ideais de modo a caberem significados realmente essenciais para você.

Aquário: O mundo e, principalmente, as pessoas trazem para a sua vida coisas que exigem se reposicionar. Largue de velhos preconceitos e abra-se com pureza a novas vivências.

Peixes: As relações de parceria tendem a mudar suavemente. Você terá que admitir sair das regras rígidas e permitir às relações uma dinâmica fluente. Admita o outro como ele é.

Gregório Queiroz / Agência Estado



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Identidade, comunidade e o sonho americano

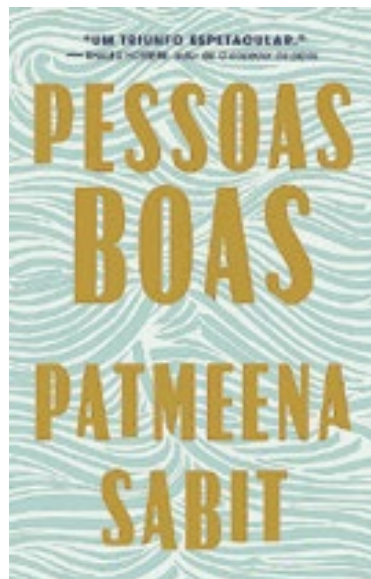
Pessoas boas (Editora Intrínseca, 416 pág, R\$ 79,90, tradução de Débora Landsberg) é o grande romance de estreia de Patmeena Sabit, nascida em Cabul, refugiada com a família no Paquistão e depois radicada em Virgínia, nos Estados Unidos, onde cresceu. Hoje mora em Toronto, Canadá e seu trabalho foi considerado pelo The Guardian como o livro imperdível de 2026 e elogiado por Khaled Hosseini, autor de *O caçador de pipas*, como um triunfo espetacular.

Escrito em camadas, com inúmeras vozes, o romance trata da trajetória da família Sharaf, cujos integrantes chegaram nos Estados Unidos como refugiados, apenas com a roupa do corpo. Depois de anos de trabalho eles se tornaram prósperos, ricos, felizes, o retrato do sucesso. Tinham realizado o *american dream*, viviam em uma mansão em bairro exclusivo e os quatro

filhos frequentavam as escolas mais prestigiadas do país.

Tudo até ocorrer uma tragédia inimaginável que os deixou atordoados e subjugados à dura opinião pública. A filha mais velha foi encontrada morta. Acidente? Os boatos diziam que o lar dos Sharaf não era tão perfeito e fragmentos de fofocas expuseram as rachaduras da família que vivia numa comunidade imigrante. Teriam os Sharaf realmente conquistado o sonho americano? Ou será que a imagem da família modelo era apenas uma fachada? Jornalistas, colegas, advogados, vizinhos, investigadores e membros da comunidade esmiúçam os últimos anos da jovem morta e a vida privada da família.

Depoimentos breves, fragmentados e atravessados por interesses pessoais, ressentimentos e preconceitos, além de lembranças incompletas,



mostram questões de comunidade, identidade e os limites do sonho americano. Esse romance afegão mostra como a imagem da família trabalhadora e próspera, diante da suspeita, passa a ser tratada como estrangeira, com sua intimidade julgada por todos.

A narrativa é, sem dúvida, uma investigação literária original e o leitor vai, nesse caleidoscópio, reconsiderando o que leu na página anterior.

e palavras...

PALAVRAS E PENSAMENTOS NO SILÊNCIO DA PLANÍCIE

Sim, durante décadas eu fui magistrado no Tribunal, onde cheguei por notório saber jurídico e notáveis indicações políticas, sem as quais ninguém chega lá. Há alguns anos, pela aplicação da aposentadoria 'expulsória', eu tive que voltar para a 'planície', de onde talvez nunca deveria ter saído. Teria sido mais feliz, mais inteiro? Tarde para saber, o resto são essas palavras, pensamentos e lembranças envoltos nesses silêncios ora confortáveis ora perturbadores. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, está lá na Bíblia, no sábio Eclesiastes - leia que é bom.

No meu caso, a planície é composta pelas areias em frente à casa colonial que foi construída por minha família há noventa e quatro anos na beira dessa praia onde fico contemplando, por horas e horas, os azuis do céu e do mar, os dourados do sol, os prateados da lua e das estrelas e os verdes dos coqueiros e da vegetação das dunas.

Tanta leitura, tanto positivismo jurídico, tanto direito natural, tantas teses, doutrinas, decisões, interpretações e adaptações às situações dos governos, da sociedade, das pessoas e do país e não muitas prisões, que a corte sempre privilegiou a governabilidade, a democracia e a autoridade do momento e a paz social possível.

Justiça é dar a cada um o que é seu. No meu tempo o palavreado jurídiquês já era complicado, mas não tanto, e entre aplicar a lei e dizer o que a lei realmente

queria dizer ou o que não dizia, as coisas iam acontecendo, mas com mais elegância, ética e liturgia. Agora esse pós-modernismo geral enlouquecido sem regras duráveis e esse vale-tudo global, com preciosismos verbais e doutrinários tantas vezes ridículos, jogos de linguagem e contorcionismos infinitos, politicamente correto imperando e essa moral elástica estão aí, e então eu me sinto feliz de estar fora do ambiente midiático televisivo e das confusões egoicas e narcisistas.

Não nasci para ser *popstar* e dar entrevistas diárias sobre tudo, como se fosse especialista em generalidades. Eu falava nos autos, poucas fotos me tiravam, noitadas eram poucas e discretas e nada de ficar falando em decisões e processos ainda em andamento, prejudgando o futuro. Silêncios eloquentes, palavras de prata, silêncios de ouro, máximo respeito ao que estava nos livrinhos e no livrão magno e pouca pirotecnia e 'direito alternativo'. Assim foi, assim fui.

Desde que o mundo é mundo tem gente com traje religioso, uniformes militares, homens de toga, gente bem vestida, pessoas com roupas simples e milhões de molambentos. Há quem diga que não se deve brigar com homem de saia. Será? Desde sempre teve guerra, paz, vaidade, guerreiros e santos, gente da paz e do canhão. Hoje muitos querem ser homodeus, ter a palavra e o grito definitivos e dar o tiro final no inimigo, ainda que o inimigo seja ele próprio.

lançamentos



► **Rastros da Terra Natal – Jaguarão** (Evangraf, 176 pág), organizado e apresentado por Maria Ignez Franco Santos e Eduardo Alvares de Souza Soares, com orelhas de Miguel da Costa Franco e Véra Lucia Maciel Barroso, é uma bela e rica coletânea de crônicas do saudoso e consagrado Procurador de Justiça, cronista e historiador Sérgio da Costa Franco sobre sua terra natal, suas raízes e temas correlatos. Disse Iberê Camargo: ninguém esquece o local onde viu pela primeira vez a luz do sol.



► **Evolução humana** (L&PM Editores, 64 pág, R\$ 74,90), de Jean-Baptiste de Panafieu, cientista, escritor e professor e Éliabeth Holleville, escritora, ilustradora e quadrinista, é uma fantástica *graphic novel* científica, em cores, acessível e fascinante, com textos e quadrinhos sobre a incrível história de 23 milhões de anos dos hominídeos sobre o planeta Terra, a partir da visão bem-humorada de dois cientistas fictícios.



► **Ignis lacrimosa** (Editora Rocco, 528 pág, R\$ 89,90), caudaloso romance de Helena Lopes, roraimense radicada na Inglaterra, narra a movimentada trajetória da princesa bruxa Zália, que vai casar, para ajudar seu povo, com Astero, comandante alquímico conhecido como o assassino de bruxos. Ele não é o homem hostil que ela imaginava. Ela terá que decidir entregar-se a ele ou a queimar o mundo para vingar o que perdeu.

a propósito

Aqui da planície das areias do tempo que parecem areias de uma ampolheta eterna, me sinto um soldado desarmado ou um professor 'tucano' em uma sala vazia. Ainda mando umas orações, uns pensamentos e uns recados para os que ainda detêm as canetas do poder, para os que acham que vão mandar para sempre, que não vão morrer jamais e que, ao in-

vés de se sentirem presentes de Deus para a humanidade, acham que suas vidas e atos é que são tesouros que eles, magnânimos, oferecem para Deus, que deve agradecê-los sempre e muito pela generosidade. Ouvindo a canção do eterno retorno das ondas, rezo pelo melhor e tomo água de coco, que jamais me fará mal ou me envenenará. (Jaime Cimenti)

sangue novo

O Concreto: uma pitada de emo, shoegaze e punk

Andressa Pufal

Um dia o 'fã número 1 dos Strokes' resolveu formar uma banda. Com referências iniciais que bebiam do indie rock de bandas como Arctic Monkeys e o próprio Strokes, surgiu O Concreto. Quatro anos depois, com nova formação, novas influências e novos desejos, o grupo lançou seu mais novo single, *Posição de Impacto*, prelúdio para o novo álbum e que marca uma nova fase para a banda.

Um som melancólico, pesado, com guitarras bem texturizadas e carregadas e uma letra que fala daquela tão temida dor de amor é o que se escuta quando damos play no single, que foi lançado no dia primeiro de setembro. Não tão parecido com o indie que impul-

sionou os primeiros passos, mas uma prova de que uma banda ainda tão jovem é capaz de já ter se reinventado para trazer novas referências na construção do seu som e sua identidade.

Formada por Lucas Castro (o fã de Strokes, guitarra e vocais), Arthur Firmino (guitarra), Antonio Olivé (bateria e voz) e a recém-convocada Milena Vardaramatos (baixo e vocais), O Concreto explica que *Posição de Impacto* é o som mais pesado do próximo álbum - que deve ser lançado em novembro.

"Ela é uma das mais pesadas, é uma música que meio que generaliza a nova estética", explica Arthur. "Por isso que a gente escolheu ela como primeiro single. De certa forma ela tem tudo que o álbum engloba." Diferentemente



Banda porto-alegrense lançou em setembro a pesada *Posição de Impacto*, primeiro single de novo disco

do primeiro single da banda, *Mr. Tédio* - lançada em 2022 e que traz uma *vibe* mais animada, guitarra e vocais bem melodicamente indies - e do primeiro EP, de 2024, que leva o mesmo nome da banda, *Posição de Impacto* se aproxima bem mais de um shoegaze *emo*, com pitadas de punk.

Para isso, os músicos foram beber de fontes como Fresno, Paramore, Sunny Day Real State, CPM 22 e Quem É Você Alice - banda porto-alegrense que também conta com a Milena, só que na guitarra. Esse movimento também se deu muito pela produção do álbum ser assinada pelo Selo Naif, uma das

grandes impulsionadoras da cena independente atual.

Com nove faixas, o álbum que está por vir tem composições novas e antigas, "da primeira leva de músicas" da banda, que foram sendo rearranjadas e modificadas, incluindo as novas referências do grupo e as ideias da Naif, gravadora inserida no universo *emo*.

"O processo de produção mudou meio que absolutamente tudo, porque o primeiro EP, a gente produziu entre nós, gravando meio amadoristicamente", explica o batera Antônio. "Passamos de uma coisa feita quase na garagem para um disco já muito mais estrutura-

do, muito mais pensado, planejado, com pré-produção, com mudança de arranjo, revisitando as letras. Isso é um grande diferencial para o segundo álbum."

Além das influências, o Selo também cria uma comunidade que gera forças para tudo acontecer. "Atualmente é esse lance de rock gaúcho e o rock em geral, na cena independente, eu acho que tá voltando bastante", analisa Milena.

"É bem legal estar no meio disso, mantendo a cena viva. Criou-se uma 'rede da cena', que nos faz ver que é possível fazer rock no Brasil. As pessoas realmente se ajudam e isso é incrível."

qual é a boa?

O final da semana é quando a agenda cultural de Porto Alegre chega ao auge - e você pode sempre contar com o Jornal do Comércio para trazer dicas do que está acontecendo. Opção interessante é o que não falta!



A boa para o final de semana é assistir o longa *Don't Look Back in Anger*. Com direção de Will Lovelace e Dylan Southern e roteiro de Steven Knight (criador de *Peaky Blinders*), o documentário acompanha os bastidores de um dos reencontros mais aguardados do século: a turnê mundial de volta do Oasis em 2025, após 16 anos da separação conturbada dos irmãos Gallagher. Fui nos dois shows em São Paulo, em novembro do ano passado, e essa é minha última chance de reviver aquelas noites mágicas na tela grande. Por isso, a dica é não perder as duas últimas exibições, às 18h30min, no IMAX do Cinemark Wallig, e às 21h30min, no GNC Igua-temi Porto Alegre.

Joana Luna Camargo,
repórter do JC



A vida cultural em Porto Alegre pulsa em várias linguagens - e sempre vale a pena estar ligado no circuito das livrarias, onde a literatura do Estado está em constante renovação. Comecei a ler esses dias *Vidas Rasgadas*, de Pedro Moacyr, que propõe uma densa reflexão sobre a condição humana a partir de uma cidade imaginária. O espírito humano forja a alma das cidades, ao mesmo tempo em que vai sendo moldado (ou esmagado) por ela - para quem gosta de romances com profundidade filosófica, eis um prato cheio. A sessão de lançamento é neste sábado, a partir das 17h30min, na Livraria Santos da Casa Prado.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC



Minha dica para os cinéfilos é aproveitar a Semana do Cinema, que oferece ingressos por valores entre R\$ 10,00 e R\$ 12,00. Esta é a nona edição da iniciativa que ocorre em todo Brasil, e que segue até a próxima quarta-feira, dia 16 de setembro. Além dos ingressos a preços promocionais, os combos de pipoca e refrigerante também terão valores reduzidos em diversos estabelecimentos. É a oportunidade perfeita para curtir grandes produções nas telonas, como *Homem-Aranha: Um Novo Dia*, *Odisseia* e o nacional *Minha Melhor Amiga*, além de conferir a esperada estreia da continuação do clássico dos anos 1990 *Da Magia à Sedução*, com Sandra Bullock e Nicole Kidman.

Alessandra Xavier,
repórter do JC



Minha dica para este final de semana que promete ser cinzento também tem a ver com o aconchegante abrigo de uma sala de cinema. Entrou em cartaz o vencedor do prêmio de Melhor Documentário no Festival de Gramado: *Gonzaguinha, Da Maior Liberdade*. O longa e propõe um mergulho na obra e na vida pessoal do cantor Luiz Gonzaga Jr. São fotos, músicas, dramatizações e registros de arquivo que contam a história do homem por trás do mito através da direção da experiente Susanna Lira, conhecida por suas cinebiografias e documentários biográficos. Vale a pena passar um par de horinhas na companhia de uma das figuras brilhantes da música brasileira.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura-JC